

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.º, 2\$000; 50, 1\$000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.º, 2\$250; 50, 1\$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.º (moeda forte), 4\$500 réis.—Pagamento adiantado.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

NUMERO AVULSO, 20 RÉIS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Administração, rua do Espirito Santo, 71

AVEIRO

ILLUSÕES

Ha muita gente que receia a Republica em Portugal por causa d'uma intervenção da Hespanha. E n'isso, como em tudo, ha os sinceros e ha os que o não são. Alguns temos nós encontrado que sendo democratas, que possuindo mesmo vontade d'auxiliar a proclamação da Republica em Portugal, hesitam, entretanto, e de-têm-se com esse receio. Outros, como os Fuschinis e os Oliveiras Martins, vindo para cá dizer o que lhes disseram os Canovas, como se a vontade do Canovas já fosse o unico arbitro da politica europeia, e agitando por todas as fórmãs esse espantoso da intervenção, não tem em mira se não servir os interesses monarchicos, ou antes os seus proprios interesses que estão identificados com os da monarchia em Portugal.

E' para os primeiros que escrevemos.

Parece-nos uma illusão ou um receio infundado essa idéa da Hespanha intervir entre nós para destruir o governo republicano proclamado pela nação. Os dirigentes do partido devem, sem duvida, ter informações d'alguns homens publicos europeus, pensando talvez muito mais na balança politica do que o sr. Canovas, que os habilitem a ter uma opinião exacta, ou proximalmente exacta a esse respeito. Pelo simples bom senso, porém, e pela razão, poderemos nós chegar a conclusões tambem de valor convincente.

E' certo que a triplice alliança não ha de agradar a proclamação da Republica em Portugal, que arrastaria como consequencia inevitavel a proclamação da Republica em Hespanha, consequencia que se poderia muito bem prender com uma outra de grande alcance — a proclamação da Republica em Italia. Sabe-se que o partido republicano tem n'este paiz as tradições que não tem em qualquer dos outros dois, que dispõe de grandes forças, ao mesmo tempo que a Italia atravessa uma grave crise economica que d'um momento para o outro pôde provocar uma revolução. Por conseguinte, embora a triplice alliança não seja fundada, como a velha Santa Alliança, em interesses propriamente dynasticos, o governo italiano, que é monarchico, ha de preparar os meios de resistir á corrente que ameaça subverter-lhe as instituições. E' natural. Juntamente a Allemanha e a Austria, vendo, na proclamação da Republica Portugueza, um passo gigante para a constituição republicana da Europa Latina, e por consequencia um elemento decisivo levado de repente á França e á Russia na contenda entre estes dois povos e aquelles dois, não ha de gostar, naturalmente tambem, que tal facto se realice e se o poder impeller com certeza que o impede. Portanto, não é falsa, por este lado, a perspectiva dos que receiam uma intervenção hespanhola empurrada pela triplice alliança. Mas não ha meda-

lha sem reverso. E o reverso da medalha? Vejámos.

O isolamento da França não se pôde prolongar por muitos annos. Até aqui a França precisava de se abster cuidadosamente de todos os conflictos, porque, antes de tudo, tinha que regenerar e levantar o seu exercito, incapaz de se bater com um exercito tão bem instruido e tão sólidamente organizado como o exercito allemão. Essa obra, porém, toca o seu termo. O exercito francez, se não excede, como de facto não excede, o exercito allemão, é, porém, bastante poderoso e forte para fazer face a qualquer eventualidade. E, por conseguinte, chega o momento da França romper o circulo apertado que se fez em volta d'ella e que a ameaça já nas suas proprias industrias e no seu commercio; chega o momento da França reoccupar o seu logar preponderante na politica europeia e de que foi deposta com grave offensa dos seus melindres; chega o momento, emfim, de sahir da situação vexatoria, porque o é, em que tem vivido até hoje. Ora a intervenção da Hespanha em Portugal daria uma força enorme á triplice alliança e afastaria para mais longe esse momento. A Hespanha monarchica tem-se negado até hoje, apesar de muito instada para isso, a adherir á triplice alliança, não porque lhe falte vontade de o fazer, mas porque sabe o mal horrivel que a França, só com o facto de deixar de vigiar, na fronteira, os republicanos hespanhoes, ou com um auxilio indirecto que a estes forneça, o mal horrivel que lhe pôde fazer. A intervenção em Portugal, contudo, daria novas forças á monarchia hespanhola. E fortalecida esta não iria adherir então á triplice alliança, a troco da occupação definitiva de Portugal, ou de Morrocos, ou de qualquer outra concessão importante? E não ficaria a França então mettida n'um verdadeiro cinto de ferro que a havia d'esmagar? E sendo isso uma questão de vida ou de morte, a França ha de consentir-o impunemente, sem empregar todos os esforços para o evitar? Talvez, se os seus homens publicos, diplomatas, politicos, estadistas, etc., endoideceram de todo.

Por outro lado, sabe-se que a Russia está nas mesmas condições em que tem estado a França. Tem soffrido em silencio todos os vexames da triplice alliança e principalmente o da Bulgaria, porque se dedicou febrilmente á reorganisação do seu exercito e principalmente a completar a rede de caminhos de ferro terminando na fronteira austro-allemã e indispensavel á boa e prompta mobilisação das suas tropas. Enquanto não terminasse essa obra, que toca tambem o seu fim, não chegava a hora de fallar. Ora a unica alliança possivel da Russia é a alliança dos povos latinos, os unicos com que não tem interesses a discutir nem differenças a precisar. A Russia sabe que essa alliança não será verdadeiramente forte, nem decisiva, enquanto os povos latinos se não alliarem por seu turno. Sabe que enquanto existirem as differenças de regimens politicos n'estes

povos, esta alliança será impossivel. Sabe que a civilisação andando e não retrocedendo, não ha de ser a França que ha de chegar até á Hespanha, Portugal e Italia, mas estes tres que hão de chegar até áquella. E como os interesses dos povos estão hoje acima dos interesses dos reis, a Russia, que não tem que temer propaganda republicana dos paizes latinos, pouco se importará de se alliar com republicas, como presentemente pouco se importa de se alliar com a França, contando que possa haver da Austria e da Allemanha primeiro e da Inglaterra mais tarde, aquillo que deseja. Portanto, tem todo o interesse em favorecer a França na sua aproximação com os tres povos da raça latina.

Ora, primeiro que tudo, ainda se não espesinha, sem tom nem som, o direito internacional, no que elle tem de mais respeitado e sagrado. A Hespanha intervem em Portugal a pretexto de quê? A França dir-lhe-ha, com uma razão formidavel:—respeitei sempre as vossas instituições monarchicas; nunca iz propaganda internacional; cada povo governa-se como entende. Respeitae vós agora as novas instituições portuguezas e deixae que Portugal se governe como o julgar mais conveniente.

A Russia, por outro lado, acrescentará á triplice alliança:—nunca me deixastes intervir na Bulgaria, onde eu tinha direitos e interesses. Fizestes-me passar ali por vexames e humilhações sem igual. Não intervireis agora vós em Portugal, onde não tendes interesses nem direitos nenhuns.

Isto sem contar com o auxilio dos republicanos e dos liberaes hespanhoes, que são contrarios á intervenção em todos os casos.

Ainda que Portugal e Hespanha não tivessem força material para fornecer grandes auxilios á França n'uma guerra europeia, bastava o facto da França poder retirar dos Pyreneus duzentos mil homens, com que em caso de guerra ha de contar a fim de vigiar a Hespanha, para que o caso da proclamação da Republica nos dois paizes representasse para a grande nação latina um auxilio de primeira ordem.

Julgámos, pois, illusorias e infundadas, essas idéas da intervenção hespanhola em Portugal. Tenhâmos nós juizo para proclamar a Republica sem grandes abalos, evitemos a guerra civil e não tenhâmos receio do resto, que não vemos motivo para elle.

Argumento "de força,"

O sr. Alberto Pimentel, que aliás é um escriptor distincto, publicou no *Economista* um folhetim para arrinar á lagrima e tocar o coração dos jacobinos que fazem guerra ao throno.

S. ex.º diz, por entre lagrimas e soluços, que os reis portuguezes vivem com uma modestia que se aproxima da sovinnice, e fecha a *Revista da Semana* com este desabafo que é como um grito

de sua alma e um reflexo do seu raciocinio politico-philosophico:

"Tal é a vida do rei constitucional D. Carlos, cujo throno os revoltosos do Porto queriam derrubar no dia 31 de janeiro."

Mais outro argumento d'esta força, e a monarchia resistirá eternamente aos embates da civilisação e do progresso.

NOTA.—A mesma *Revista da Semana* foi transcripta por uma parte da imprensa do rei, não com o intuito de reproduzir a peça litteraria, mas para dar vulto ao ataque do sr. Alberto Pimentel.

CARTAS

Lisboa

19 de Maio.

Os defensores da situação actual dentro do partido foram, por conseguinte, da maxima discreção e prudencia antes e durante o congresso. Foi o antigo directorio que convocou esta assembleia, não foram elles. Aceitaram a convocação como o directorio a quiz. Não provocaram questões, levando o chamado espirito de conciliação até ao ponto de não discutirem sequer os actos do antigo directorio e dos chefes politicos que n'elle se representavam, actos onde havia grandes responsabilidades a liquidar e pontos muito escuros a aclarar. E ha de haver quem os accuse de *scisões*? E ha de haver quem lhe queira imputar dissidencias que possam existir? Depois de tantas provas de paciencia, depois dos attentados aos mais puros principios democraticos commettidos, á centessima vez, pelos garciistas sahindo do congresso, indo para os jornaes monarchicos declarar que formavam panellinha á parte, tudo porque de 150 representantes que tinha o congresso 130 não quizeram votar uma proposta absurda nem se mostravam dispostos a eleger um individuo qualquer para membro do directorio, depois de tudo isso ainda ha de haver quem queira curvar a cabeça e aceitar o santo e a senha dos bandoleiros que se dizem *republicanos historicos*? Depois de tudo isso, que é a negação completa dos principios, ainda haverá quem aconselhe o actual directorio a ir de chapéu na mão pedir aos senhores garciistas que perdoem os *aggravos recebidos* e voltem ao redil d'onde se afastaram? Seria preciso que isto fosse um partido de bandidismo e não um partido de republicanismo.

Nós bem sabemos que ha muita escoria nas camadas dirigentes do partido. Nós conhecemos aquelles que combinavam conosco n'um dia os planos de campanha contra o velho directorio para os denunciarem e atraiçoarem no dia seguinte. E eram novos, esses! As esperanças da patria, os messias da idéa, mais velhos e corruptos do que os mais velhos corruptos! Nós co-

nhecemos os que declaravam em pleno congresso, ainda n'outro dia, que estavam incondicionalmente ao lado do actual directorio para andarem hoje conspirando contra elle. Mas sabemos tambem que o partido, o grande partido em que militamos, está fóra d'essa escoria, com quem não quer ter, nem tem, solidariedade nenhuma. Mas sabemos que seria motivo de desalento e descrença absoluta para as grandes massas republicanas ver todas essas camadas dirigentes tão dissolutas e desmoralizadas como as camadas monarchicas sem ninguem que tivesse a coragem de lhes applicar um cauterio ardente nas chagas e d'essa fórma constituir uma garantia de que a Republica não será um dia a mesma vergonha e a mesma *dégringolade* que tem sido a monarchia.

Não. Se o partido republicano auctorisasse o principio de qualquer se collocar em rebellião pelo simples facto de o não terem eleito para um cargo determinado, se o partido republicano admittisse que as resoluções de 130 representantes da democracia portugueza se quebrassem e rebaixassem perante a vontade d'uma duzia de dissidentes, embora esses dissidentes não fossem os especuladores que nós conhecemos, mas pessoas muito honradas, nós immediatamente nos dariamos pressa em sahir d'esse partido, onde não queriamos ver pôr mais tempo maculadas e deshonradas as aspirações democraticas e as idéas politicas que professamos em toda a nossa vida. Não pertencemos, não queremos pertencer a um partido d'especuladores. Pertencemos a um partido republicano, que ha de ser republicano na accção unica d'esta palavra, condição *sine qua non* da nossa camaradagem e solidariedade. Só para isso fomos para lá. Só por isso ficaremos lá.

Admittem-se todos os dissidentes e todas as opposições, são mesmo necessarias, na linha dos principios. Fóra d'ella, não ha attentões nem respeito para coisa nenhuma. Homens que dizem-se republicanos não admittem as resoluções d'uma assembleia, apregoam *scisões*, proclamam dissidencias, pelo simples facto d'essa assembleia não ter querido dar um voto de louvor a um certo individuo, voto merecido ou não o que pouco importa, homens d'esses não se recebem com apertos de mão, recebem-se com bicos de bota. Quanto mais curvar a cabeça deante d'elles.

Nunca, que seria a exautoração completa dos principios e a vergonha profunda d'uma assembleia!

Mas voltemos ao fio da historia.

Eleito o novo directorio, depouro logo com irregularidades extraordinarias. Havia um certo dinheiro adquirido por subscrição e que montava a uma quantia importante. E' de primeira intuição, todos o comprehendem, que esse dinheiro não foi empregado, ou dado, á pessoa de José Elias Garcia, mas ao directorio do partido. As transacções feitas com um governo continuam-se sempre com o governo que se

segne. É um dever cívico e de honra pessoal transmitir a esse governo todas as informações e todos os documentos respeitantes aos negócios. Quando se trata com gente de bem é o que se faz em toda a parte. Pois o actual directorio não encontrou um papel, um documento, uma acta, ou cinco réis do dinheiro existente. Então o directorio não tinha uma acta sequer, d'uma sessão? Não tinha documento nenhum sobre a vida do partido? Tinha, respondia-se. Mas então onde está isso? O Garcia deu tudo a guardar a um dos seus!

Então que é feito d'aquelle dinheiro que se obteve por subscrição? Os depositantes, replicava-se, eram Pedro, Paulo e Afonso (garcistas todos.) Consultados os Pedros, só um se dignou declarar o que era feito da parte do dinheiro que lhe fôra confiada, promptificando se a dar as suas contas. Esse estava em deficit. Os outros respondiam simplesmente:—gastou-se! E acabou-se. Contas por um oculo. Gastou-se e ao mesmo tempo os amigos diziam por toda a parte:—o que o directorio queria era o dinheiro, mas não lhe ha de pôr a vista em cima. Gastou-se e ainda hoje elles dizem quando querem provar que o directorio não faz nada:—dinheiro, a nós, não nos falta, o directorio não tem cinco réis...

É espantoso e unico! Além d'esse dinheiro havia outro que algumas comissões municipaes e parochias entregaram antes do congresso, ao mesmo tempo que se constituíam. O que foi feito d'elle? A mesma resposta:—gastou-se. D'accordo que se gastasse. Mas dêsses conta da maneira porque o fizeram, que era esse o seu dever.

Em tudo o mesmo desrespeito pelos principios, pelo partido, pelo congresso, pelo directorio, pelo proprio brio e decôro. Para aquelles aventureiros só havia uma coisa:—era José Elias Garcia. Fôra d'elle e dos empregos que elle concedia, não existia coisa alguma.

Todavia, a difficuldade mais grave que o directorio encontrou deante de si não foi a falta de dinheiro, embora isso fosse muito, muitissimo, que ninguem governa com palavras, nem foram as intrigas que tenho citado. Foram os trabalhos revolucionarios do Porto, onde a influencia e o dedo de José Elias se accentuaram mais funesta e mais desastrosamente do que nunca.

Não foi José Elias que iniciou esses trabalhos, porque nunca iniciou por si coisa nenhuma. O seu systema predilecto era aproveitar-se das casas depois de feitas, como Rodrigo da Fonseca Magalhães, chefe da escola a que o velho republicano, como Fontes e muitos outros, mais ou menos pertencia. Não os iniciou. Mas encontrando-os começados mettu-se n'elles e seguiu a sua eterna politica de meias palavras, d'evasivas, de chicanas. Não os achava bons, nem maus, não os impulsionava, nem os repellia. Deixava correr o marfim. E era essa a grande politica que tanto se admirava e tanto se louvou n'aquelle homem!

Não era elle que era grande. Eram os outros que o cercavam que eram *andésinhos*.

Apezar das meias palavras com que o velho chefe republicano se caracterizava no seu modo de vêr as coisas, quem escreve estas linhas, já por alguma coisa de mais positivo que lhe poudé arrancar, já por factos que não pôde referir aqui, conseguiu definir perfeitamente o proceder de José Elias nas tristes peripecias que precederam o desgraçado movimento do Porto.

Quando se iniciaram os trabalhos revolucionarios, José Elias, que queria fugir á tormenta do primeiro congresso que se reunisse, applaudiu-os, ou fingiu que os applaudia. Sabendo a effervescencia que ia no partido, apanha-

va aquelle escudo para se defender. Quando esses trabalhos excederam a sua expectativa, um pouco aterrado procurou reprimil-os. Quando se viu deposto no congresso, não voltou a applaudil-os porque fez peor:—incitou-os. Incitou-os para os desvairados, para os espiritos tacanhos, que foram todos os protogonistas e os comparsas dos acontecimentos. Para os espiritos lucidos que lhe falavam n'isso, achava aquillo *precipitado e perigoso*.

Note-se que não entendemos aqui por incitar o dizer aos homens do Porto:—andem para deante, façam, não recuem. Não. O que lhes dizia era que se elles fizessem alguma coisa no Porto, alguma coisa se faria tambem em Lisboa. E como o directorio, ao contrario, dizia que não contassem com Lisboa para coisa alguma, e como isso irritava vivamente os chamados revolucionarios do norte, e como estes não se detinham, como elles declaravam, senão por causa de Lisboa, as palavras de José Elias eram verdadeiro fogo chegado á polvora.

Haverá quem conteste estes factos que envolvem uma tremenda responsabilidade para o chefe republicano. Nós, que nunca mentimos, garantimol-os em absoluto. E quando chegar a occasião opportuna apresentaremos as provas que não deixarão duvidas a ninguem. De resto, existem desde já elementos bem fortemente comprovativos do que avançamos. Todo o mundo sabe a intima solidariedade que nos ultimos dias anteriores á revolta existia entre os garciistas e a gente do Porto. Era com os garciistas que a gente do Porto se correspondia. Não era com o directorio. Foi a José Elias que, na vespera da revolução, se participaram os acontecimentos que iam rebentar e não ao directorio que tudo ignorava. Alves da Veiga, que se hospedava no Hotel Atlantico quando vinha a Lisboa, era com José Elias que se entendia, não era com o directorio. Nenhum republicano da capital ignora o que os garciistas diziam por toda a parte. Prometiam para breve acontecimentos decisivos. Diziam (textual) que já tinham embarcado; breve haveria noticias suas. E no dia da revolta, enquanto se dizia em Lisboa que estava triumphante o movimento no Porto e que era secundado por Chaves, Braga e Coimbra, todos os republicanos afeiçoados ao directorio ouviam esta pergunta da bocca dos garciistas, risonhos e com ar triumphador:—então foi o directorio que fez aquillo, ou quem foi? Emfim, até agora mesmo chamam *Revolução de Janeiro* ao jornal que vão publicar, tão obra sua e tamanha gloria consideram o succedido em 31 de janeiro. Pois fiquem com a gloria toda, que ninguem lh'a contesta, nem ninguem lh'a quer.

Sim. Diziam ás 10 horas da manhã por toda a parte, n'esta cidade, que os acontecimentos do Porto eram obra e gloria sua, embora á noite dissessem o contrario, embora no dia seguinte fossem dizer ao *Diario Illustrado*, ás *Novidades*, á *Tarde* e ao *Correio da Manhã*, que a desgraçada revolta não era senão o resultado do ultimo congresso onde os moderados tinham sido vencidos pelos republicanos d'acção, conducta vil e repugnante que basta só por si para qualificar esses aventureiros sem alma que andam apregoando para ahi pureza de tradições e de principios no seu decantado *republicanismo historico*. O directorio tinha sempre combatido a inopportunidade e a precipitação do que se preparava no norte. Sabia o que valiam as cabeças que estavam metidas na revolução. Conhecia os planos phantasticos que surgiam d'aquellas cabeças. Não ignorava que a aggremação dos sargentos era filha, em grande parte, de

causas estranhas ao principio republicano. Conhecia o valor dos *auxilios* que se esperavam de varios pontos do paiz. Tinha a certeza do retrahimento da grande massa dos officiaes. E de tudo isso não lhe era difficil prevêr o que resultaria da projectada revolução.

O sr. Francisco Christo era, dos membros do directorio, o que mais tenazmente se oppunha á infeliz aventura. Procurou todos os meios de a impedir, até o d'inutilisar os chefes da revolta n'um artigo que publicou nos *Debates* e que, além d'outros meritos, tinha o de ser verdadeiro, e eu antes quero, saiba-se bem, uma Republica para d'aqui a 10 annos feita por gente honesta, do que uma Republica feita já com bandidos. Pois sabendo-se tudo isso, não houve meio que se não empregasse, nem infamia a que se não recorresse, para inutilisar o sr. Francisco Christo, ou desacreditando-o no conceito publico ou enterrando-o na Penitenciaria. Assim, dizia-se aos republicanos que o sr. Christo tinha denunciado no seu artigo a revolta, quando aquelle senhor o escrevera exactamente depois de Santos Cardoso, e o escrevera por isso mesmo, ter declarado sem reboço, e largamente, na *Justiça Portuguesa*, que todas as *guarnições militares do paiz estavam promptas*, e não esperavam senão a *voz do ataque*; quando o sr. Christo o escrevera exactamente por saber dos relatorios que chegavam ao governo sobre os trabalhos revolucionarios, por saber da transferencia do alferes Trindade, por não prevêr, emfim, que o governo fosse tão asno e tão imbecil que não esmagasse tudo ao principio, sabendo de tudo quanto se passava. Isso dizia-se aos republicanos. Aos monarchicos dizia-se que o sr. Francisco Christo era um elemento perigosissimo, o chefe dos republicanos d'acção e o mais audacioso d'elles todos, ao mesmo tempo que um bandido, convertido, depois de mil figurinhas que tem feito, ao garciismo, escrevia a Santos Cardoso incitando-o a denunciar aquelle senhor. Um bandido a quem o sr. Christo não esmigalhou o craneo, sem duvida para não pagar um malandro por um homem honrado, principalmente depois que esse e outros malandros o collocaram á beira da perdição. E ao passo que os monarchicos, como a *Folha do Povo* n'outro dia confessava, intercediam junto do governo para que Elias Garcia não fosse preso, ao passo que ficavam em liberdade os infames denunciadores que eram os verdadeiros auctores da scena do Porto, o sr. Christo, sem culpabilidade nenhuma, era arrastado á cadeia, sujeitavam-n'o a dolorosas provações de familia, era julgado, era empurrado para a beira do abysmo, sem que a imprensa do seu partido tivesse uma palavra de sentimento pelo seu pezar ou de protesto pela sua innocencia que conheciam melhor do que ninguem.

E haviamos nós de transigir com todos esses bandidos? Nunca. Não só não transigiremos nunca, como diremos bem alto para que todos nos ouçam:—o partido que transigir com elles, o partido que aceitar essa escoria, não é um partido de justiça, nem de regeneração; é simplesmente um partido d'infames.

E nada mais por hoje, que temos dicto bastante.

Y.

Não nos illudamos...

A crise monetaria está apparentemente quasi suffocada. A sua passagem deixou no paiz uma impressão morbida, que foi reflectir-se em todo o nosso organismo economico e como consequencia fatal ha de affectar com-

plexamente todo o systema politico.

Não nos illudamos com uma situação por demais dubia. A agiotagem especula com o papel-moeda, estabelecendo cambio com uzura. Ora é de esperar que finda a moratoria, que expira no dia 10 de julho, as notas do Banco de Portugal cáiam alli como uma enorme avalanche, o que decerto porá em difficuldades aquelle estabelecimento se não estiver prevenido para receber os seus papéis.

Isto é intuitivo. Estremecemos só com a perspectiva de uma catastrophe, mas o dilemma é terrivel, e necessitamos muita energia e *muito pulso* para nos segurarmos á beira do abysmo aonde nos arrastou uma série de desastres nascidos pela insanía e corrupção que assignalaram principalmente os ultimos dez annos da monarchia. Animo e resolutos!

AGONIA MINISTERIAL

Ainda não ha ministerio novo. O velho está-se debatendo entre a vida e a morte. Já não tem a consciencia do seu estado. Tem o olhar estúpido dos moribundos.

É o segundo estertor do regimen—que se suicida lentamente.

A combinação ministerial que annunciámos no domingo não se completou. O sr. conde de S. Januario declinou nas mãos do rei a missão de formar gabinete, por lhe ser impossivel coonestar os interesses pessoais dos indigitados para ministros com as necessidades politicas do momento.

A corrupção, isto é, o egoismo individual ou de campanario, prevaleceu ainda ás intenções por ventura inspiradas no bem do paiz. Mas não ha que fugir d'este circulo vicioso que é fatal, que aperta n'um amplexo irresistivel os homens da monarchia que ella mesma educou e creou á sua imagem e similhaça.

Por enquanto Portugal vive de direito, á matroca; de facto, ha muito que navega sem governo.

A situação é muito grave, diz visivelmente apprehensivo o sr. Navarro. E é, é...—acrescentámos nós.

Notas do Banco de Portugal

ARTHUR PAES recebe no seu estabelecimento notas de 5000 réis em troca de quaesquer artigos cuja importancia não seja inferior a 1500 réis.

E paga-as a 50100 réis quando o valor dos generos comprados seja de 25500 réis para cima.

Contra a debilidade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

NOTICIARIO

Á CAMARA

Os enfermos do hospital tiveram no sabbado e domingo dois dias amargurados pelo barulho dos sinos do edificio municipal.

Ha alli doentes em estado grave, e por amor d'elles é necessario que o sr. presidente da camara ordene moderação nas alegrias do campanario, que devem repetir-se na proxima quinta-feira.

Consorcio

Consorciou-se no sabbado no Porto com uma gentil dama d'aquella cidade, o nosso estimado e

sympathico contrerraneo sr. Jorge de Faria e Mello, um dos mais abastados proprietarios d'Aveiro.

Ss. ex.^{as} regressaram já a esta terra, installando a habitação na sua magnifica casa da rua da Vera-Cruz.

Aos noivos appetecemos a mais ridente lua de mel e todas as venturas, de que são dignos.

GOVERNADOR CIVIL

Consta que pediu a exoneração de governador civil d'este districto o sr. dr. Adriano Brochado.

SUICIDIO

Manuel da Silva Lopes, de Eixo, ha tempo que mostrava não estar no uso integral das suas faculdades mentaes, a cujo estado não foram estranhos desgostos que recentemente o haviam salteado.

O pobre homem vivia n'uma continua excitação que na ultima sexta-feira teve desenlace funebre. N'este dia desapareceu de Eixo e encaminhou-se para Aveiro; e ao chegar ás proximidades de Esqueira encontrou-se com uns homens seus conhecidos, com quem veio conversando. Cerca d'um pinhal, que nos parece, é propriedade do sr. Mendes Leite, despediu-se dos companheiros pretextando esperar alli por uma pessoa das suas relações. E o homem nunca mais foi visto.

No dia immediato a sua falta foi notada em Eixo e a auctoridade tratou logo de investigar. Depois de minuciosas buscas e indagações, só no domingo poudé ser encontrado o cadaver do infeliz, que jazia dentro do referido pinhal. O cadaver estava inteiramente dilatado, o que mostra que o suicida luctou com uma agonia medonha. No chão, coberto de matto e caruma de pinheiro, havia restos de vomitos dispersos e vestigios de que o homem falleceu em meio de convulsões violentissimas.

A justiça na segunda-feira levantou o cadaver, sendo transportado para o cemiterio de Esqueira, onde lhe foi feita a autopsia, e reconhecida a existencia de um toxico que produziu a morte do desventurado.

Os exames de instrucção secundaria, no lyceu d'esta cidade, devem ter começo no dia 1 de junho.

No templo da Gloria

Ante-hontem houve n'este templo violenta alteração entre o coadjutor da freguezia e uma fregueza.

Os contendores, assanhados, jogaram-se termos asperos de mais para o local que devia ser-lhes defezo para a scena.

O coadjutor não se contentando com o desforço verbal parece que vae entregar a fregueza ao barão da justiça—como prova da sua mansidão evangelica.

EDUARDO ARVINS

Esteve na segunda-feira em Aveiro este nosso dilecto amigo e distincto correligionario.

Tentativa de assassinato

ODEMIRA, 17.—Hontem á noite tentaram assassinar a tiro uma senhora na herdade denominada Monte Velho, a 20 kilometros d'esta villa.

Na occasião em que assomava á janella para a fechar, dispararam-lhe de fóra um tiro de espingarda, cujos projectis lhe dilaceraram uma mão. Escapou milagro-

samente, pois que o tiro parece ter sido feito á queima roupa, mas que por qualquer accidente não acertou em cheio no alvo.

A senhora é ainda nova, e possui avultada fortuna, e está para casar com um filho do sr. José Maria Falcão, um dos mais abastados proprietários de Odemira.

Vive em companhia de uma irmã, já casada, e que é o seu unico parente.

A policia vae tomar conta do successo, e ha de colher dados que possam fazer luz n'este crime mysterioso, cujos auctores directos poderam escapar-se auxiliados tambem pela noite.

(Do nosso correspondente.)

Na quinta-feira falleceu repentinamente em Estarreja, o sr. Antonio Augusto Barboza da Cunha, advogado nos auditorios d'aquella comarca.

Quando se dirigia da villa para a sua casa em Salreu victimou-o no caminho a ruptura de um aneurisma.

O fallecido era aparentado com a ultima freira do convento de Jesus e com a familia Almeidinha, d'esta cidade.

DESASTRES

Proximo á ponte do Côjo foi atropellada por um trem uma mulher que apoiada em duas moletas por ahi mendiga.

Recebeu graves contusões, sendo por isso necessario transportal-a a casa em braços.

O seu estado é de gravidade.

Depois de escripta a noticia e já mettida em pagina, soubemos que a atropellada falleceu. Chamava-se Clara Cacau.

Falta-nos averiguar se a justiça indaga se d'esta morte cabe alguma responsabilidade ao cocheiro.

—Ante-hontem, n'uma obra da rua Direita, um servente cahiu do andaime. Fracturou um braço e teve varios ferimentos em outros sitios do corpo.

FEIRA DA OLIVEIRINHA

E' hoje que se realisa esta importante feira annual de gado bovino e cavallar, cujas transacções costumam subir a muitos contos de réis.

AGRICULTURA

Dizem-nos da Gafanha:

Os batataes estão exuberantes de viço, e já a florescer. Ha muitos annos que não temos visto este tuberculo tão bem desenvolvido e promettedor, esperando-se uma boa colheita, se não sobrevier a molestia.

—Os campos de cevada teem a messe compacta e viçosa, como não ha memoria. A espiga é cheia e bem creada. Tudo denota uma farta colheita d'este cereal. Alguns lavradores mais necessitados venderam já parte da cevada—que ainda está por colher—a razão de 300 réis os 20 litros.

—Os milhos estão no geral bons. As nortadas dos ultimos dias agou-taram-n'os, e em algumas terras soffreram muito com esse tempo agreste.

Foi transferido d'aqui para a comarca de Estarreja, o contador sr. Alfredo Cortez Machado.

Para a comarca de Aveiro foi nomeado o sr. Joaquim Manuel Ruella.

Grande trovoadá

Ha algumas noites pairou sobre Mafra uma grande trovoadá.

Os relampagos fusilavam em todas as direcções e o ronco e medonho ribombar dos trovões fazia-se ouvir quasi que sem cessar.

Na estação telegrapho-postal entraram fortes descargas electricas, que destruíram as communi-cações interiores de tres linhas mais importantes. Só depois das seis horas da manhã poude ser reparada a avaria.

O respectivo chefe, que se achava na estação, nada soffreu, bem como ficaram incolumes todos osapparelhos telegraphicos.

Falleceu no domingo a sr.^a D. Maria Garmina d'Almeida Machado Rezende, viuva de Francisco Antonio de Rezende Junior, um dos mais talentosos filhos de Aveiro, fallecido ha annos.

Aquella senhora soffria ha muito de uma lesão cardiaca, que a victimou.

TEMPO

Hontem choveu quasi todo o dia, e em grossas bategas.

E' um auxilio fecundante para as sementeiras. Os agricultores rejubilam, porque lhes *cahiu a sopa no mel*.

O amanho das salinas é que deve atrazar-se, mas d'esta vez com agrado dos marnotos, que achavam inconveniente precipitar os trabalhos para que a colheita do sal não viesse muito cedo.

Aos emigrantes

No consulado do Rio de Janeiro falleceram durante o mez de janeiro 188 portuguezes.

A MAIS NOTAVEL FEITICEIRA

Blavatski, a mulher de assombrosos poderes sobrenaturaes, a fundadora da excentrica seita teosophica ou esóterica-budhista, e herdeira e depositaria da ignota sciencia dos lamas do Thibet e dos fakirs indios, acaba de fallecer.

Serão verdadeiros todos os milagres que se contam realizados por ella?

Em um livro, publicado em Londres ha cinco annos, relatam-se por extenso os incidentes mais notaveis da vida de Blavatski; n'esse livro referem-se centenaes de prodigios feitos pela feiticeira, na presença de outras pessoas, incredulas na sua maioria.

Blavatsky era russa. Aos 12 annos inspirava o mais profundo terror aos supersticiosos camponezes da sua terra natal.

Nasceu em 1831 no setimo mez (o numero 7 é fatal na Russia) e quando no paiz a epidemia do cholera fazia victimas aos milhares. Era demasiadamente hysterica e somnambula a ponto de converter em seu passeio favorito os telhados das casas e os pincares dos rochedos em que se aninham as aves de rapina.

Um dia, passeiando na aldeia, agastou-se com um rapazito que lhe impellia o carro e ameaçou-o, dizendo que chamaria uma bruxa que o afogasse no rio.

—Olha! Ella ahi vem!

O rapaz não viu nada, mas desatou a correr.

Passados dias, uns pescadores colhiam nas rédes o cadaver do rapaz.

Outra vez, o cavallo em que ia montada mette o freio nos dentes e deita a correr desabridamente. O pé da amazona ficou entalado no estribo; mas o seu corpo tornou-se rigido, inteiriço, paralelo ao solo; e, quando, passados minutos, o cavallo pôde ser agarrado, viu-se que a amazona não havia soffrido a mais leve arranhadura.

Casou aos dezeseis annos, mas, passado pouco tempo, fugiu, e, durante dez annos, ninguem a tornou a ver.

Um noite, em que se celebravam as bodas de sua irmã, ouviu esta que alguem a chamava.

—E' a Paula!—exclamou a noiva. Disseram-m'o ao ouvido.

Toda a gente fica surprehendi-

da. A irmã corre á porta com os criados, e alli encontra Blavatsky.

Tinha estado no Thibet, na India, na America, no Egypto, nas costas de Africa e na Europa oriental, vivendo sempre entre os que rendem culto ás sciencias occultas, recolhendo áquem e além os vestigios dispersos da antiga sabedoria. No Egypto foi seu mestre um copta; na India diversos velhos brahmanes e fakirs; no Thibet os lamas que vivem nos mosteiros das montanhas e os cenobitas, cujas penitencias deixam na sombra as de Simeão Stilita; na Europa oriental os gitanos; na America central os nanigos e os negros que cultivam a magia Vudu e adoram a serpente; na do norte os pelles vermelhas. Na maior parte d'estas peregrinações acompanhava-a uma bruxa india.

Durante o tempo que passou em casa reconstituiu, graças ás suas extraordinarias faculdades de vidente e á sciencia adquirida na Asia, a arvore genealogica da sua familia, desde o tempo das cruzadas. E tendo sido por essa occasião perpetrado um assassinio mysterioso em S. Petersburgo, Blavatsky revelou com a maior precisão quem era o criminoso e onde se achava escondido. O assassino foi preso.

Outra vez achando-se n'uma sociedade, onde um cavalheiro duvidava do seu poder, fez ella com que nas mãos estalasse o copo, que elle ia levar á bocca.

O homem disse que o facto fóra casual, e declarou que só acreditaria na influencia do olhar da feiticeira, se o facto se repetisse. E pegando n'outro copo, quando de novo ia levar-o aos labios, partiu-se-lhe elle nas mãos.

Estes e outros casos, cada qual mais mysterioso e assombroso, são referidos no tal livro.

Mas que achado para os nossos espiritistas!

OS BATOTEIROS

Só agora vão ser inqueridas testemunhas para a formação do corpo de delicto no crime do jogo prohibido que a policia descobriu na occasião da feira de Março.

Pelos torcicolas da justiça desappareceram quasi todos os réus prezos na casa de batota, que hoje nos apparecem arvorados em testemunhas de defeza dos companheiros na vida airada.

Surpresas da justiça, que deixam cá os profanos de bocca aberta. Per signum crucis.

Na romaria do Espirito Santo, em Braga, houve no domingo um choque nas machinas dos americanos, que fazem serviço para o Bom Jesus.

Ficaram feridas muitas pessoas, sendo uma mulher gravemente.

Salinas

Os marnotos, apezar da quadra que desliza propicia para o amanho das salinas, acham inopportuno dar muito impulso aos mesmos trabalhos, para não approximar o periodo da colheita, que a iniciarse cedo, traria inconvenientes.

No entanto, o tempo estimula os marnotos, que mau grado seu, lá vão adeantando serviço, e salinas ha que brevemente ficam promptas a entrar em elaboraçào.

Novo invento

Um belga apresentou a Leão XIII um instrumento de sua invenção, muito engenhoso, por meio do qual o papa poderá ouvir do seu proprio quarto, os sermões e os canticos de quasi todas as egrejas de Roma e os discursos do parlamento italiano.

O desejo do inventor é obter de Leão XIII um breve que recomende o seu invento aos doentes que, por meio d'elle poderão,

sem deixar o leito, seguir os exercicios religiosos e ouvir os sermões da parocho de qualquer freguezia.

O eglisophonio é uma especie de telephonio aperfeiçoado, semelhante aos que se acham installados nos theatros.

Em Roma já se trata de saber se a confissão poderá vir a ser feita pelo telephonio.

Em conselho das respectivas faculdades da Universidade de Coimbra foi resolvido que as aulas cessassem, na faculdade de direito no dia 23 de maio, devendo começar os actos no dia 29; na de philosophia no dia 6 de junho e actos no dia 12; e na de theologia no dia 13 e actos no dia 22.

Na romaria de Vagos

Os episodios do costume, que bastam para caracterisar um povo: o clero explorando a credulidade da massa, muito vinho e comestiveis a rodo, distribuidos gratis aos pobres e aos finorios que se improvisavam aleijados para ter jús á paparoca,—o que é de resto a nota mais saliente da festa; isto sem fallarmos nos padres que a tropel offereciam dentro do templo os seus sermões, negociando-os como quem vende um burro n'uma feira.

Desastres — poucos. No de maior importancia foi victima uma pobre octagenaria atropellada por um carro de bois, que a deixou em perigo de vida.

Desordens—algumas, cujo susurro era abafado pela multidão. A justiça não terá que intervir.

Falleceu em Braga o padre João Lopes Granja, que possuia uma fortuna calculada em 60 contos.

Foi victimado por uma congestão cerebral, que o accommetteu ao ter noticia da crise monetaria.

ADMINISTRAÇÃO

DO

«POVO DE AVEIRO»

O «Povo de Aveiro» assigna-se tambem nos estabelecimentos de José Gonçalves Gamellas, á praça do Peixe, e na Livraria Academica, na praça do Commercio.

Nas mesmas casas tambem se recebem annuncios.

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na Tabacaria Monaco, praça de D. Pedro, 21.

COMMERCIO

Preço dos generos no mercado de Aveiro

Feijão branco (20 litros) ..	\$960
Dito vermelho	\$760
Dito laranjeiro	1\$000
Dito manteiga	\$820
Dito amarelo	\$800
Dito caraça	\$886
Milho branco	\$760
Dito amarelo	\$740
Trigo gallego	\$940
Ovos (cento)	\$700
Azeite (10 litros)	2\$400
Batatas (15 kilos)	\$400

Bibliographia

LAGRIMAS ABENÇOADAS. —Foi-nos offertado pela Companhia Editora de Publicações Illustradas, com sede em Lisboa, na travessa da Queimada, 35, Lisboa, este romance de Camillo.

Já estão publicados os seguintes: «Engeitada», «Bem e o mal», «Senhor do Paço de Ninães», «Esqueleto», «Mulher fatal», «Mysterios de Fafe», «Brilhantes do bra-

zileiro», «Sangue», «Annos de presa», «Estrellas propicias», «Vinte horas de liteira», «Regicida», «Filha do Regicida», «Mysterios de Lisboa», «Vingança», «Livro Negro de padre Diniz», «Scenas da Foz», «Estrellas funestas», «O Santo da Montanha», «Lagrimas abençoadas».

No prélo: «A bruxa do Monte Cordova», e «A filha do doutor Negro».

Movimento da Barra de Aveiro

De 17 a 19 de maio, não houve movimento.

EM 20

Entradas: Hiate «Social», capitão J. F. Pereira, de Lisboa, com millo. Não houve saídas.

ESTADO DO MAR E TEMPO

Vento S. O. fresco. Mar agitado.

Indicações uteis

HORARIO DOS COMBOYOS

(Estação de Aveiro)

Comboyos ascendentes: — Chegada do mixto n.º 1, ás 6,24 da tarde; do correio n.º 3, ás 5,18 da manhã; e do mixto n.º 5 (expresso), ás 6,59 da manhã.

Descendentes: — Chegada do mixto n.º 2, ás 11,24 da manhã; do correio n.º 4, ás 9,28 da noite; e do mixto n.º 6 (expresso), ás 5,11 da tarde.

PAQUETES A SAHREM DE LISBOA EM DATAS CERTAS LEVANDO CORRESPONDENCIA

AÇORES (exceptuando a ilha de Santa Maria).—A 5 de cada mez.

AÇORES (exceptuando para as ilhas das Flores e Corvo).—Em 20 de cada mez.

MADEIRA.—Em 6 e 20 de cada mez e todas as segundas-feiras.

AFRICA OCCIDENTAL.—Em 6 e 21 de cada mez.

AFRICA ORIENTAL.—Em 21 de cada mez e nas segundas-feiras de 28 em 28 dias a partir de 30 de março.

AFRICA ORIENTAL (excepto Lourenço Marques).—A's quintas-feiras de 28 em 28 dias a partir de 9 de abril.

LOURENÇO MARQUES E CABO.—Todas as segundas-feiras.

GOA E MACAU.—Todas as terças e quartas-feiras.

BRASIL.—A's quartas-feiras a partir de 8 de abril, de 14 em 14 dias; ás segundas-feiras a partir de 13 de abril, de 14 em 14 dias; e em 8 e 24 de cada mez.

N. B. Estes vapores não levam correspondencia para o Pará.

PARÁ.—Em 13 e 26 de cada mez.

Annuncios

AOS FESTEIROS DE 1891

Francisco A. da Assumpção

ILHAVO

Tem no seu estabelecimento—o primeiro do genero em Ilhavo—um variado sortimento de bandeiras novas de diferentes gostos, balões venezianos e á Crive, lanternas brancas e de côres, e escudos rodeados a ornatos.

Encarrega-se de adornar ruas, praças e arraiaes, fornecendo bandeiras, gallhardetes e illuminação do ultimo gosto.

Tem variado sortido de balões aereos, columnas, vasos illumine-rios, etc.

Garante o maior esmero e perfeição na execução de todos os trabalhos, sendo os preços commodos e accessiveis.

O JUDEU ERRANTE

POR

EUGENIO SUE

EDIÇÃO ILLUSTRADA, NITIDA E ECONOMICA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

- 1.º—O JUDEU ERRANTE publicar-se-ha a fasciculos semanaes, que serão levados a casa dos senhores assignantes nas terras em que houver distribuição organisaada.
- 2.º—Cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, ou 4 folhas e uma gravura, custa o diminuto preço de **50 réis**, pagos no acto da entrega.
- 3.º—Para as provincias, ilhas e possessões ultramarinas, as remessas são francas de porte.
- 4.º—As pessoas, que desejarem assignar nas terras em que não haja agentes, deverão remetter sempre á Empresa a importancia adiantada de 5 ou 10 fasciculos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á **Empresa Litteraria Fluminense**, casa editora de A. A. DA SILVA LOBO, rua dos Retrozeiros, 125 — LISBOA.

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande sortimento de livros para lyceus e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Albus para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis communs e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Collecção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

GUEDES D'OLIVEIRA

(TITO LITHO)

GAZETILHAS

PREFACIADAS POR

JOÃO CHAGAS

1 volume 400 réis

Cançonetas, com musicas de M. Benjamin, Pereira Vianna e Léon Janin. A' venda em todas as livrarias e no depósito: Empresa Litteraria e Typographica, Rua de D. Pedro, 184—Porto.

Pela Patria e pela Republica

Novo Livro de Magalhães Lima com um prefacio de Latino Coelho

A' venda na LIVRARIA ACADEMICA, á praça do Commercio — Aveiro.

Preço 400 réis.



VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoría geral de hygiene da corte do Rio de Janeiro. — Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco. — Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICA legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James. — Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICO legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoría Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

A Avó

A MELHOR PRODUÇÃO DE

Émile Richebourg

VERSÃO DE

LORJÓ TAVARES

Edição illustrada com chromos e gravuras. Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra: GRANDE VISTA DE LISBOA, em chromo, tirada do Tejo, á vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa praça do Commercio em todo o seu conjunto, as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, a praça de D. Pedro IV, o theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centímetros, é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Editores Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa.

Novo Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico, mythologico, etc.

COMPILADO POR

Francisco de Almeida

Condições da assignatura: — O Novo Diccionario Universal Portuguez contém 2:424 paginas, divididas por dois volumes. A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas. Os srs. assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

Preço de cada entrega, 420 réis. Fechada a assignatura, o preço será augmentado com mais 20 p. c.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares & Irmão, largo de Camões, 5 e 6—Lisboa.

EM TRAJOS MENORES

CONTOS FRESCOS ORIGINAES

DE

PY-THON

Offerecidos ao sexo forte e prohibidos ao sexo fraco. — Illustrados com 12 excellentes gravuras e impressos em excellentepapel, com capa a côres.

2 volumes 600 réis

TITULOS DOS CAPITULOS — Carne branca; Tres torrões de Assucar; As ligas de minha mulher; As mercadoras de amor; — I Angustias; — II Consuelo; O sr. Commendador; Oh da guarda!; O Album photographico; O casamento da Luizinha; — I Um trambulhão; — II Durante o jantar; — III O baile—Outro trambulhão; — IV Despedidas; — V Uns comem os figos. . . ; Na exposição universal; Maldita melancia!; O ensaio da comedia; O amante de Laura; No banho; A's escuras; Um engano de porta; Chegar, ver e . . . não vencer; Um professor de allemão; Um cocheiro feliz; Um arrote imprudente.

A obra está completa e só se recebem assignaturas para os 2 volumes de que ella se compõe. —Será enviada franca de porte a quem enviar á Empresa 600 réis.

AS MULHERES DOS AMIGOS

OS VICIOS DE LISBOA

Romances do mesmo genero, tambem completos, 2 volumes, 600 réis cada exemplar. Do mesmo modo se envia franca de porte a quem enviar a respectiva importancia.

EMPRESA NOTES ROMANTICAS, rua da Atalaya, 18, 1.º—Lisboa.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVASIO LOBATO

Romance de grande sensação. desenhos de Manuel de Macedo. reproduções phototypicas de Peixoto & Irmão

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, custando cada fasciculo a modica quantia de 60 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a expedição será feita quinzenalmente, com a maxima regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, CUSTANDO CADA FASCICULO 420 RÉIS, FRANCO DE PORTE.

Toda a correspondencia relativa aos MYSTERIOS DO PORTO, deve ser dirigida, franca de porte, ao gerente da Empresa Litteraria e Typographica, 178, rua de D. Pedro, 184—PORTO.

Grande novidade litteraria

OS COMPANHEIROS DO PUNHAL

POR L. SATPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação illustrado

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos os assignantes e angariadores de assignaturas, entre outros: um anel para senhora; um serviço de almoço (China) para duas pessoas; um corte de vestido; um relógio de prata; um relógio de ouro para senhora; um pardessus; um centro de mesa, etc., etc., e um cheque á vista, de 2 libras.

Ninguem deixe de ler o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da empresa editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se devem dirigir os pedidos.

Peça-se o prospecto illustrado e a 1.ª caderneta.

A Arte Musical

REVISTA QUINZENAL

Musica, Litteratura e Theatros

Condições da assignatura:—Em Lisboa, trimestre (pago adiantadamente), 900 réis. Provincias, acresce o porte do correio. Anuncios na capa ajuste convencional.

Em cada mez será distribuida aos ex.ªs srs. assignantes uma peça de musica de piano, piano e canto, banda ou orchestra.

A Redacção da *Arte Musical*, satisfazendo aos pedidos que lhe tem sido feitos pelos seus assignantes, organisoou uma secção especial de musica de banda e orchestra pelo mesmo preço da assignatura.

A fim de garantir a boa escolha e arranjo das peças, convidou o notavel maestro

Manuel Augusto Gaspar bem conceituado professor da banda da guarda municipal de Lisboa, para dirigir esta secção.

Aos nossos dedicados assignantes é concedido um desconto de 10 p. c. para todas as musicas que requisitarem além das que mensalmente são distribuidas.

Assigna-se em Lisboa — 112, rua Garrett, 114.

EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO CIVIL

Approvedo por carta de lei de 1 de julho de 1867. Conforme a edição official

Preço—br., 240; enc., 360

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio á Livraria Coutinho & Pereira, rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

A MARSELHEZA

E

A PORTUGUEZA

EM PORTUGUEZ E EM FRANCEZ

Preço 40 réis.—Para revender grande desconto.

A' venda em todos os kiosques de Lisboa e Porto. Pedidos a Julio Flavio, rua de S. Lazaro, 90—Lisboa.

EDITOR — FAUSTINO ALVES

Typ. de "Povo de Aveiro."